

A História Oculta do Versículo Quarenta — Número Vinte

O Segundo Ai — Parte Sete — Ezequiel

Jeff Pippenger

2026-07-29

É um entendimento bíblico aceitável identificar o profeta Ezequiel como tendo trinta anos de idade em seus versículos iniciais.

E aconteceu, no trigésimo ano, no quarto mês, aos cinco dias do mês, estando eu no meio dos cativos junto ao rio Quebar, que os céus se abriram, e eu vi visões de Deus. Aos cinco dias do mês, que era o quinto ano do cativeiro do rei Joaquim, veio expressamente a palavra do Senhor a Ezequiel, o sacerdote, filho de Buzi, na terra dos caldeus, junto ao rio Quebar; e a mão do Senhor estava ali sobre ele. Ezequiel 1:1–3.

Alguns creem que “o trigésimo ano” se baseia em um ciclo específico de jubileu, o qual começou com o rei Josias e terminou com o versículo um do capítulo quarenta.

No vigésimo quinto ano do nosso cativeiro, no princípio do ano, no décimo dia do mês, no décimo quarto ano depois de haver sido ferida a cidade, naquele mesmo dia a mão do Senhor estava sobre mim e me levou para lá. Ezequiel 40:1.

Os cronologistas bíblicos datam o versículo um do capítulo quarenta como sendo 28 de abril ou 22 de outubro de 573 a.C. Todos os profetas identificam os últimos dias, de modo que a data outonal de 22 de outubro de 573 a.C. é a data ômega de uma linha que começou cinquenta anos antes, no que é chamado de “A Grande Páscoa de Josias”, em 5 de maio de 622 a.C.

O número trinta é um símbolo dos sacerdotes, os quais deviam ter trinta anos de idade quando começavam a servir. Quer os versículos um a três de Ezequiel um identifiquem a idade de Ezequiel como sendo trinta anos, quer apenas o apresentem como símbolo de um sacerdote, ele igualmente seria representado como tendo trinta anos de idade. Se os trinta anos do versículo um são, como outros creem, uma referência ao trigésimo ano desde a Grande Páscoa de Josias em 622 a.C., as implicações proféticas ainda assim são as mesmas.

Josias significa “fundamento”, e sua Grande Páscoa iniciou um período de jubileu que terminou em 22 de outubro, no Dia da Expição, em 573 a.C. A “linha do jubileu”, de Josias até 22 de outubro, harmoniza-se com a história de 1840 a 1844. Os fundamentos de 1840 foram representados pelo rei Josias e também por Josiah Litch. O dia 22 de outubro foi representado pelo toque da trompa do jubileu juntamente com a trompa do Dia da Expição.

E contarás para ti sete semanas de anos, sete vezes sete anos; e o tempo das sete semanas de anos te será de quarenta e nove anos. Então farás soar a trombeta do jubileu no décimo dia do sétimo mês; no dia da expiação fareis soar a trombeta por toda a vossa terra. Levítico 25:8, 9.

Ezequiel está situado dentro da linha do Jubileu, desde o rei Josias até 22 de outubro, uma linha que representa o primeiro e o segundo anjos de Apocalipse dez, de 1840 até 1844. Ezequiel representa os mileritas do primeiro e do segundo anjos e os cento e quarenta e quatro mil do terceiro anjo. Ezequiel representa o sacerdócio dos cento e quarenta e quatro mil, mas seu principal atributo profético é que ele é um profeta.

Profeta, Sacerdote e Rei

Há três personagens bíblicos que começaram a servir aos trinta anos de idade. Juntamente com Ezequiel estavam Davi e José. Porque todos eles começaram a servir à idade de trinta anos, todos são sacerdotes. Davi é símbolo do rei, José é o sacerdote e Ezequiel é o profeta no reino tríplice da glória, que consiste em um profeta, um sacerdote e um rei.

Contudo, seja como for que possamos aplicar o profeta Ezequiel como símbolo, ele é um sacerdote; e, quando aplicado na linha do jubileu desde Josias até 22 de outubro, Ezequiel é um sacerdote que representaria um sacerdote no tempo do selamento dos cento e quarenta e quatro mil, conforme tipificado pela história de 1840 a 1844 e do rei Josias até 22 de outubro de 573 a.C.

Vinte e dois

A Bíblia é clara em afirmar que Ezequiel ministrou durante vinte e dois anos. “Vinte e dois” é um símbolo dos cento e quarenta e quatro mil, que são o estandarte da Divindade combinada com a humanidade. Na história representada desde a Páscoa de Josias até a celebração do Jubileu de 22 de outubro do capítulo quarenta, a Páscoa de Josias tipificava a obra de Josias Litch em 1838 e 1840. Essa obra consistia em expor as profecias de tempo do primeiro e do segundo ais. Agora se pode ver que a profecia do primeiro e do segundo ais é muito mais ampla do que os pioneiros reconheceram.

Ezequiel, como profeta bíblico, identifica em seus escritos mais datas específicas do que qualquer outro autor bíblico.

Ezequiel é o ômega do dia equivalendo a um ano na profecia bíblica. No livro de Números, a menção alfa do princípio dia-ano é representada na primeira rebelião em Cades, que acarretou quarenta anos de peregrinação no deserto. A última rebelião, ou rebelião ômega, é representada por Ezequiel no capítulo quatro, quando Jerusalém é destruída.

Alfa

Segundo o número dos dias em que espiastes a terra, quarenta dias, cada dia por um ano, levareis sobre vós as vossas iniquidades, quarenta anos, e conhecereis a minha quebra da promessa. Eu, o Senhor, falei; certamente assim farei a toda esta congregação perversa, que se ajuntou contra mim; neste deserto se consumirão, e aí morrerão. Números 14:34, 35.

Ômega

Tu também deitar-te-ás sobre o teu lado esquerdo e porás sobre ele a iniquidade da casa de Israel; conforme o número dos dias em que estiveres deitado sobre ele, levarás a iniquidade deles. Porque eu pus sobre ti os anos da iniquidade deles, segundo o número dos dias, trezentos e noventa dias; assim levarás a iniquidade da casa de Israel. E, quando os houveres cumprido, deitar-te-ás outra vez sobre o teu lado direito, e levarás a iniquidade da casa de Judá quarenta dias; cada dia te dei por um ano. Portanto, voltarás o teu rosto para o cerco de Jerusalém, e o teu braço estará descoberto, e profetizarás contra ela. Ezequiel 4:4–7.

Cades e a destruição de Jerusalém representam a rebelião alfa e ômega, representando o princípio de um dia por um ano. O “princípio de um dia por um ano” era a regra primordial dos mileritas e, na história de 1840 a 1844, é tipificado na linha do Jubileu do rei Josias até 22 de outubro. Ezequiel apresenta mais datas do que qualquer outro profeta. Dentro da cronologia de Ezequiel, a linha do Jubileu é identificada, vinculando diretamente o testemunho de Ezequiel à história do primeiro e do segundo anjos, e daí em diante à história do terceiro anjo.

Junto com a “linha do Jubileu”, Ezequiel se deita sobre um dos lados por trezentos e noventa dias, e depois sobre o outro lado por quarenta dias. “Quatrocentos e trinta” é um símbolo dos antigos e novos concertos, pois a promessa pactual feita a Abrão de quatrocentos anos de cativo no Egito encontrou a segunda testemunha de trinta anos no apóstolo Paulo. Juntos, Abrão, (mais tarde Abraão) do ‘antigo’, e Saulo, (mais tarde Paulo) do ‘novo’, combinaram seus testemunhos para estabelecer quatrocentos e trinta anos como símbolo do concerto eterno. “Trezentos e noventa dias” “levarás sobre ti a iniquidade da casa de Israel.” “E” “levarás sobre ti a iniquidade da casa de Judá quarenta dias.” Juntos, o lado direito e o lado esquerdo equivalem a Abrão e Paulo.

A aliança sempre se baseou na obediência ou na desobediência — vida ou morte. O princípio dia-ano na história milerita era uma questão de vida ou morte, e essa história foi anunciada pelo primeiro anjo como o evangelho eterno. O “evangelho” é uma questão de vida ou morte, e a questão probatória de vida ou morte da história milerita foi estabelecida no contexto do princípio de um dia equivaler a um ano. A predição que conferiu poder à mensagem do primeiro anjo foi a profecia dos trezentos e noventa e um anos e quinze dias do segundo ai. Dentro dos trezentos e noventa dias em que Ezequiel permaneceu deitado sobre o seu lado esquerdo há uma ilustração da profecia de tempo dos trezentos e noventa e um anos e quinze dias do segundo ai. Requer discernimento profético para manejar corretamente a profecia, mas isso nada mais é do que a obra contínua do Leão da tribo de Judá, removendo os selos da mensagem do clamor da meia-noite.

Sustento que Ezequiel deve ser considerado um símbolo dos cento e quarenta e quatro mil, mas primariamente um símbolo do dom do Espírito de Profecia, quer representado como uma manifestação de um profeta dos últimos dias, quer como uma manifestação do povo da aliança que compreende o princípio da metodologia linha sobre linha.

Sustento que a luz de Ezequiel sobre a profecia dos trezentos e noventa e um anos e quinze dias está em harmonia com o homem da escova de pó lançando as joias no cofre maior.

Sustento que a luz proveniente de Ezequiel é um elemento essencial da mensagem culminante, quando o templo estiver concluído.

Ezequiel está em 22 de outubro no versículo um do capítulo quarenta, e é ali que a visão do templo futuro é dada a Ezequiel. Esse templo é o templo dos cento e quarenta e quatro mil, dos quais Ezequiel é um símbolo desse número. Esse grupo terá passado por duas provas antes de chegar à terceira e decisiva prova. Ezequiel é retratado como recebendo sua luz no templo e, portanto, a luz que ele produz como símbolo representa a luz que vem quando o povo de Deus entra no Lugar Santíssimo em harmonia com Daniel capítulo dez.

A luz da Revelação de Jesus Cristo que está deslacrada, é deslacrada precisamente pouco antes de se encerrar o tempo de graça.

E disse-me: Não seles as palavras da profecia deste livro; porque o tempo está próximo. Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, santifique-se ainda. Apocalipse 22:10, 11.

O “tempo está próximo” justamente antes de encerrar-se o tempo de graça no versículo onze, e, portanto, a Revelação de Jesus Cristo se acha então deslacrada, pois “o tempo está próximo”.

A Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer; e ele a enviou e a fez conhecer, por meio do seu anjo, ao seu servo João; o qual deu testemunho da palavra de Deus, e do testemunho de Jesus Cristo, e de todas as coisas que viu. Bem-aventurado aquele que lê, e aqueles que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo. Apocalipse 1:1–3.

A porta da graça se fecha para o Adventismo Laodiceano do Sétimo Dia por ocasião da lei dominical, e o Adventismo é representado como Jerusalém no capítulo nove de Ezequiel. Ali, os que suspiram e clamam por causa das abominações cometidas na terra e na igreja recebem o selo. O selamento ocorre quando os ventos orientais do Islã estão irando as nações, imediatamente antes do fechamento da porta da graça. No capítulo oito de Ezequiel, as quatro gerações do Adventismo chegam à sua conclusão, sendo a quarta geração simbolizada pelos vinte e cinco líderes prostrados diante do sol.

Essa visão foi dada simbolicamente um dia antes da lei dominical, ou imediatamente antes do fechamento da graça, como representado por seis, seis, seis.

E aconteceu, no sexto ano, no sexto mês, aos cinco dias do mês, estando eu assentado em minha casa, e os anciãos de Judá assentados diante de mim, que ali a mão do Senhor Deus caiu sobre mim. Então olhei, e eis uma semelhança com a aparência de fogo: desde a aparência de seus lombos para baixo, fogo; e desde seus lombos para cima, como a aparência de resplendor, como a cor de âmbar. E estendeu a forma de uma mão, e tomou-me por uma madeixa de minha cabeça; e o Espírito me levantou entre a terra e o céu, e me trouxe, nas visões de Deus, a Jerusalém, até a entrada da porta interior que olha para o norte; onde estava o assento da imagem dos ciúmes, a qual provoca ciúmes. E eis que a glória do Deus de Israel estava ali, conforme a visão que eu vira no campo. Ezequiel 8:1–4.

A visão do sexto ano, sexto mês e quinto dia veio justamente antes do “666”, símbolo da lei dominical, quando se encerra o tempo de graça para o adventismo laodiceano. Essa visão foi

“conforme a visão” que Ezequiel “viu na planície”. A visão que ele viu na planície encontra-se anteriormente, no capítulo três.

Então me levantei e saí para o vale; e eis que a glória do Senhor estava ali, como a glória que eu vira junto ao rio Quebar; e caí com o rosto em terra. Ezequiel 3:23.

A visão da “planície”, que foi a visão do sexto ano, do sexto mês e do quinto dia, era a visão que Ezequiel tinha visto anteriormente junto ao rio Quebar.

Sucedeu, pois, no trigésimo ano, no quarto mês, no quinto dia do mês, estando eu no meio dos cativos, junto ao rio Quebar, que os céus se abriram, e eu vi visões de Deus. Ezequiel 1:1.

As “visões de Deus” que Ezequiel “viu”, junto ao rio Quebar, constituíam a visão da planície, que também era a visão de Ezequiel capítulos oito a onze. Essas visões foram apresentadas no contexto de Ezequiel olhando para o santuário, onde se cumpre a visão do espelho “marah” do capítulo dez. Ezequiel representa aqueles que participam da luz profética que irradia do Lugar Santíssimo, à medida que a Revelação de Jesus Cristo é apresentada pouco antes do encerramento do tempo da graça.

Quando identificamos a linha do Jubileu do rei Josias, que começa com a Páscoa e termina em 22 de outubro, estamos identificando o símbolo das festas da primavera e das festas do outono, conforme estabelecidas em Levítico vinte e três. Ali, as festas da primavera e do outono são apresentadas com vinte e dois versículos cada, assim como o ministério de Ezequiel foi de vinte e dois anos. Alinhar Ezequiel no trigésimo ano da linha do Jubileu permite que o nascimento de Ezequiel se alinhe com o reavivamento de Josias. Se ele tinha trinta anos no trigésimo ano do ciclo do Jubileu, então Ezequiel teria nascido na reforma de Josias.

Ezequiel é um símbolo daqueles que, pela fé, entram no Santíssimo Lugar. Uma vez ali, veem as rodas dentro de rodas, representando o complexo entrelaçamento das interações humanas. Assim como João em Apocalipse, capítulo dez, Ezequiel representa os mileritas, porém mais diretamente os cento e quarenta e quatro mil. Sua profecia temporal paralela de trezentos e noventa e um anos e quinze dias ilustra o juízo final do adventismo laodiceano com a destruição de Jerusalém, e inclui o enigma de trinta e oito e quarenta.

Inclui o simbolismo de quatrocentos e trinta anos.

Inclui o período de quatro anos representado por 1333 a 1337, 1449 a 1453 e 1840 a 1844.

Começaremos nossas considerações sobre este importantíssimo assunto no próximo artigo.

“Nas visões dadas a Isaías, a Ezequiel e a João, vemos quão intimamente o Céu está ligado aos acontecimentos que têm lugar sobre a Terra e quão grande é o cuidado de Deus para com os que Lhe são leais.” Testimonies, volume 5, 753.

“O próprio Cristo era o Senhor do templo. Quando Ele o deixasse, a sua glória se retiraria — aquela glória outrora visível no santo dos santos, sobre o propiciatório, onde o sumo sacerdote entrava apenas uma vez por ano, no grande dia da expiação, com o sangue da vítima imolada

(típico do sangue do Filho de Deus derramado pelos pecados do mundo), e o aspergia sobre o altar. Esta era a Shekinah, o pavilhão visível de Jeová.

“Foi essa glória que foi revelada a Isaías, quando ele diz: ‘No ano em que morreu o rei Uzias, eu vi também o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo’ [Isaías 6:1–8 citado].” *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, volume 4, 1139.

“A visão dada a Isaías representa a condição do povo de Deus nos últimos dias. Eles têm o privilégio de ver, pela fé, a obra que está prosseguindo no santuário celestial. ‘E abriu-se no céu o templo de Deus, e a arca do seu concerto foi vista no seu templo.’ Ao olharem, pela fé, para o lugar santíssimo, e verem a obra de Cristo no santuário celestial, percebem que são um povo de lábios impuros, — um povo cujos lábios muitas vezes têm falado vaidade, e cujos talentos não têm sido santificados nem empregados para a glória de Deus. Bem podem eles desesperar ao contrastarem sua própria fraqueza e indignidade com a pureza e a amabilidade do glorioso caráter de Cristo. Mas, se eles, como Isaías, receberem a impressão que o Senhor deseja seja feita no coração, se humilharem a alma perante Deus, há esperança para eles. O arco da promessa está acima do trono, e a obra feita por Isaías será realizada neles. Deus responderá às petições que procedem do coração contrito.”

“O objetivo desta grande e solene obra de Deus é ajuntar os molhos para o celeiro celestial; pois a terra há de encher-se da glória do Senhor. Portanto, ninguém se desanime ao ver a iniquidade predominante e ao ouvir a linguagem que procede de lábios impuros. Quando os poderes das trevas se puserem em ordem de batalha contra o povo de Deus; quando Satanás reunir suas forças para o último grande conflito, e seu poder parecer grande e quase avassalador, a clara visão da glória divina, do trono alto e sublime, arqueado com o arco da promessa, trará conforto, segurança e paz.” *Review and Herald*, 22 de dezembro de 1896.

“Às margens do rio Quebar, Ezequiel contemplou um redemoinho que parecia vir do norte, ‘uma grande nuvem, e um fogo revolvendo-se dentro dela, e um resplendor ao redor dela, e no meio uma coisa como de cor de âmbar.’ Um número de rodas, entrecruzando-se umas às outras, era movido por quatro seres viventes. Bem acima de todas estas ‘havia a semelhança de um trono, como a aparência de uma pedra de safira; e sobre a semelhança do trono havia a semelhança como a aparência de um homem por cima dele.’ ‘E apareceu nos querubins a forma de uma mão de homem debaixo das suas asas.’ Ezequiel 1:4, 26; 10:8. As rodas eram tão complicadas em sua disposição que, à primeira vista, pareciam estar em confusão; contudo, moviam-se em perfeita harmonia. Seres celestiais, sustentados e guiados pela mão debaixo das asas dos querubins, impeliam essas rodas; acima delas, sobre o trono de safira, estava o Eterno; e ao redor do trono, um arco-íris, emblema da misericórdia divina.”

“Assim como as rodas, semelhantes a mecanismos complexos, estavam sob a direção da mão debaixo das asas dos querubins, assim o intrincado desenrolar dos acontecimentos humanos está sob o controle divino. Em meio à contenda e ao tumulto das nações, Aquele que está assentado acima dos querubins ainda guia os negócios da Terra.

“A história das nações que, uma após outra, ocuparam o tempo e o lugar que lhes foram designados, dando inconscientemente testemunho da verdade cujo significado elas mesmas não conheciam, fala-nos. A cada nação e a cada indivíduo de hoje Deus designou um lugar em Seu grande plano. Hoje, homens e nações estão sendo medidos pelo prumo na mão d'Aquele que não comete erro. Todos estão, por sua própria escolha, decidindo o seu destino, e Deus está dirigindo soberanamente tudo para o cumprimento de Seus propósitos.

“A história que o grande EU SOU delineou em Sua palavra, unindo elo após elo na cadeia profética, desde a eternidade no passado até a eternidade no futuro, diz-nos onde estamos hoje na sucessão dos séculos e o que se pode esperar no tempo vindouro. Tudo quanto a profecia predisse que haveria de acontecer, até o tempo presente, tem sido registrado nas páginas da história, e podemos estar certos de que tudo o que ainda está por vir se cumprirá em sua ordem.” Educação, 178.